

folha de rosto

Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação

Reflexões Sobre a Trajetória da Biblioteconomia Brasileira: um olhar a partir das entidades de classe

Izabel Lima dos Santos

ENSAIO

Resumo

Este trabalho apresenta reflexões acerca da trajetória da Biblioteconomia brasileira tendo como viés o código de ética da categoria e a relação existente entre bibliotecários e suas entidades de classe. A metodologia consiste em revisão de literatura. Partindo do trabalho de Côrte (1991) estabelece-se pontos básicos de reflexão e fazendo uso de pesquisas e trabalhos mais recentes atualiza-se a discussão proposta visando contribuir para compreensão parcial do panorama atual da Biblioteconomia no Brasil. Conclui destacando que, apesar de muitos e significativos avanços, a Biblioteconomia brasileira ainda carece questionar e reestruturar muitas de suas posturas e práticas a fim de se consolidar frente a sociedade do século XXI.

Palavras-chave: Biblioteconomia - Brasil. Bibliotecários. Bibliotecários - Ética profissional. Biblioteconomia - Entidades de classe.

Reflections on the Trajectory of Brazilian Librarianship: a look from the class entities

Abstract

This paper presents reflections on the trajectory of Brazilian Librarianship, having as a bias the code of ethics of the category and the relationship between librarians and their class entities. The methodology consists of literature review. Starting from the work of Côrte (1991) is established basic points of reflection and making use of the latest research and work updates to discussion proposed aiming to contribute to partial understanding the current situation of Librarianship in Brazil. Concludes emphasizing that, despite many and significant advances, Brazilian Librarianship still lacks question and restructure many of its postures and practices in order to consolidate front society of XXI century.

Keywords: Librarianship - Brazil. Librarians. Librarians - Professional ethics. Librarianship - Class entities.

1 Introdução

A Biblioteconomia veio ao longo dos últimos cinco mil anos atuando no tocante a guarda, organização, preservação e, mais recentemente, disponibilização de documentos. Tal atuação acabou servindo de base e referência para surgimento de diversas outras áreas do conhecimento que também tem no documento e na informação suas matérias-primas de trabalho.

Durante esse período a Biblioteconomia presenciou uma série de transformações nos mais diversos âmbitos da sociedade. Mudaram os idiomas, as formas de escrita, os costumes, as formas de governo, enfim, tudo o que permeia e faz da sociedade o que ela é passou por transformações. Algumas dessas mudanças, como a criação de novos suportes para registro do conhecimento e novos meios de confecção de documentos, influenciaram de forma mais direta e visível.

Entretanto, apesar das mudanças terem, em muitos casos, causado amplas transformações e obrigado a Biblioteconomia a repensar suas práticas, provavelmente, essa área nunca se viu diante de tão grande quantidade de dilemas quanto os

existentes atualmente. Dentre eles, destacamos neste artigo aqueles que envolvem a relação entre bibliotecários/as e órgãos de classe que representam a área.

É fato que a relação entre bibliotecários e entidades de classe nem sempre foi pacífica. Entretanto, ações recentes, como a criação de uma petição online pedindo a extinção dos Conselhos Regionais de Biblioteconomia (TARGINO, 2016), indicam que essa relação pode estar ainda mais estremecida e carecendo de um processo urgente de reinvenção.

É esse processo de reinvenção, ou melhor, de tentativa de reinvenção, e seus possíveis desdobramentos que discutiremos nas páginas seguintes. A discussão aqui levantada não se propõe definitiva, mas busca contribuir para a construção de novos caminhos para a área e os profissionais que a compõem.

Como referencial inicial partimos do trabalho de Adelaide Ramos Côrte publicado em 1991, em que promove interessante discussão sobre o contexto profissional do bibliotecário até aquele momento. A partir disso e fazendo uso de pesquisas e trabalhos mais recentes, tais como, Carvalho Silva e Silva (2010), Carvalho Silva (2016), Targino (2016), dentre outros, atualiza-se, parcialmente, a discussão proposta por Côrte (1991) visando contribuir para uma melhor compreensão do panorama atual da Biblioteconomia brasileira no que se refere a relação da categoria com suas entidades de classe.

2 Breves Considerações Históricas Sobre as Entidades de Classe da Biblioteconomia

O Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB) e os Conselhos Regionais de Biblioteconomia (CRB) tem sua origem na lei nº 4.084 de 1962. Esses órgãos estão hierarquicamente relacionadas e partilham a função de fiscalizar o exercício da profissão de bibliotecário em âmbito nacional e regional, respectivamente (CUNHA, CAVALCANTI, 2008).

A lei que deu origem a tais entidades é a mesma que regulamenta o exercício da profissão de bibliotecário no Brasil. Apesar disso, os Conselhos de Biblioteconomia não são a entidade de classe mais antiga relacionada a área. Esse título pertence, em nível nacional, a atualmente denominada Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições (FEBAB) que foi fundada em 26 de julho de 1959¹.

A FEBAB, desde sua origem, “[...] tem como principal missão defender e incentivar o desenvolvimento da profissão” (FEDERAÇÃO..., [2017], não paginado). Essa entidade acaba por atuar, principalmente, como canal de apoio a atividades de formação e aprimoramento dos profissionais que a integram, bem como, centro de memória da área.

Existe também o Sindicato Nacional dos Profissionais da Informação, fundado em 2015, e que visa congrega, em nível nacional, os mais variados profissionais da informação, neles incluídos os bibliotecários². Entretanto, o alcance dessa nova entidade ainda é restrito.

Ademais das entidades citadas tem-se a Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação (ABECIN) e a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB). Ambas instituições voltadas prioritariamente para a formação acadêmica, em nível de graduação e pós-graduação, dos profissionais e cujas atuações, portanto, estão mais restritas ao espaço universitário.

Dentre esse pequeno universo de entidades aquelas que são mais intimamente ligadas a atuação profissional dos bibliotecários são as Associações de Bibliotecários (reunidas na Febab), o Conselho Federal e os Conselhos Regionais de Biblioteconomia reunidos no Sistema CFB/CRB desde 2010 (CONSELHO..., [2016]). Por serem mais antigas e

¹ Apesar da Febab ser a entidade de classe de amplitude nacional mais antiga relacionada a Biblioteconomia, ela não foi a primeira a ser fundada. A mais antiga, segundo Fonseca (2007, p. 109) é a Associação Paulista de Bibliotecários “[...] fundada em 1938, quando o curso de biblioteconomia de São Paulo diplomou seus primeiros concluintes.”

² Atualmente existem quatro sindicatos locais dedicados especificamente aos profissionais de Biblioteconomia no Brasil. São eles: o Sindicato dos Bibliotecários e Auxiliares de Biblioteca do Estado de Minas Gerais; o Sindicato dos Bibliotecários do Estado do Paraná; o Sindicato dos Bibliotecários no Estado do Rio de Janeiro – SINDIB - RJ e o Sindicato dos Bibliotecários no Estado de São Paulo – SINBIESP.

acompanharem o profissional ao longo de toda sua trajetória, essas instituições acabam por ser alvo de maior escrutínio dos bibliotecários.

3 Caminhos Tortuosos, Caminhos Possíveis?

A Biblioteconomia vive um momento ímpar de sua trajetória. Nunca antes tantas mudanças tinham sido vivenciadas pela área num período tão curto de tempo e com o potencial de influenciá-la de modo tão amplo e profundo. Essas mudanças vêm das mais diversas frentes. No contexto brasileiro além das mudanças tecnológicas, temos mudanças na legislação, o surgimento e/ou expansão de outros cursos que também se dedicam ao trato informacional e a necessidade de modificar a postura da biblioteca – local tradicional de atuação do bibliotecário – para com a sociedade, do bibliotecário e das entidades que o representam.

A necessidade de mudança é inerente a tudo que é humano e Côrte (1991, p. 12, grifo nosso) alertava a Biblioteconomia para tal necessidade quando afirmou que,

[...] o processo de busca da modernidade exige do bibliotecário, mais um comportamento ético, do que um código de ética. Exige uma legislação compatível com a cultura do povo brasileiro. Exige escolas que vislumbrem o mercado de trabalho do próximo século. Exige postura cooperativa e não individualista. Exige ‘espírito de corpo’ e não corporativismo.

Côrte anunciava, com grande lucidez, que a Biblioteconomia não pode ficar estagnada. Questionar e rever elementos é atitude fundamental para que a área mantenha uma relação saudável e produtiva tanto consigo mesma quanto com a sociedade na qual se insere e da qual visa atender as demandas informacionais. De fala tão lúcida e ampla destacamos dois pontos: a questão ética e a necessidade de uma postura cooperativa.

No começo de sua fala a autora alerta para o fato de que se espera do bibliotecário um comportamento ético e que tal comportamento deve independer do código de ética. Não pretendemos adentrar de maneira profunda nas discussões filosóficas acerca da questão ética, porém é importante destacar que o que se propõe não é que o código de ética bibliotecário seja abandonado enquanto instrumento norteador das ações do profissional, mas sim que a classe busque construir para si uma postura ética que perpassasse as limitações desse instrumento normativo que, na maioria das vezes, acaba possuindo um caráter deontológico³.

O atual Código de Ética Profissional do Bibliotecário, publicado através da Resolução nº 42 de 2002, é a quarta versão do código de ética original que data da década de 1960 do século XX (CUARTAS; PESSOA; COSTA, 2003). Esse código é constituído de oito seções, divididas em vinte artigos. Seu conteúdo é basicamente de caráter prescritivo no que se refere a normas de conduta profissional (CONSELHO..., 2002).

É comum nos depararmos com situações que mostram um desencontro entre o código de ética profissional e o contexto social e informacional contemporâneo. Há também um desconhecimento, ao menos, dos principais pontos abordados no código e em quais momentos ele pode ser acionado. Diante disso percebe-se a urgência de uma maior discussão desse instrumento dentro da classe, uma vez que sua mera existência e publicização não são suficientes para que ele se enraíze no dia a dia profissional e a partir disso possa ser apropriada, ressignificado - e porque não reconstruído - pela categoria profissional a que se direciona.

Acreditamos que a construção de uma consciência ética profissional pode contribuir tanto para fortalecer a identidade profissional da Biblioteconomia quanto para que a área se colocasse de modo mais firme perante a sociedade. Carvalho Silva (2010, p.83) corrobora nosso pensamento quando afirma que,

³ A deontologia é a ciência do dever e da obrigação, ou seja, ela pauta-se na moral para definir o que é necessário se fazer em cada situação e, diferentemente da ética, possui um caráter normativo, legislador e punitivo. Neste trabalho dizemos que o código de ética do bibliotecário possui um caráter deontológico porque ele possui tais características, não se constituindo (ainda) em algo arraigado nos sujeitos que constroem a Biblioteconomia, ou seja, ele é mero instrumento normativo e não parte da consciência individual e/ou de classe.

[...] a ética objetiva dar uma explicação mais sólida para os problemas cotidianos prático-morais a partir de uma tendência mais firme e constante e não fornecer variações de idéias de acordo com as conveniências do indivíduo, mas sim da sociedade, ou seja, de uma coletividade.

Ou seja, a construção de uma atuação profissional pautada na ética trará benefícios tanto individuais quanto coletivos, uma vez que agrega elementos de caráter político-filosófico que podem contribuir para o fortalecimento interno e externo da área ao viabilizarem a construção de uma atuação mais equilibrada e saudável.

O bibliotecário brasileiro tem sua profissão norteadada pela Lei 4.084, de 30 de junho de 1962, regulamentada pelo Decreto 56.725, de 16 de agosto de 1965. Esses textos legais estabelecem as características de formação mínimas exigidas para que um bibliotecário seja considerado como tal, as atribuições desses profissionais bem como as atribuições dos Conselhos de Biblioteconomia.

A existência de uma legislação que regulamenta a profissão de bibliotecário contribuiu para o estabelecimento da Biblioteconomia enquanto profissão e permitiu que seus profissionais tivessem mais respaldo no momento de lutarem por espaço no mercado de trabalho. Entretanto, a legislação, por si só, não garante reconhecimento profissional e tampouco constrói uma categoria forte politicamente.

Força política vem de atuação conjunta e, atualmente, a Biblioteconomia carece dessa característica. Em um contexto social onde ameaças às conquistas trabalhistas, educacionais e culturais são constantes se faz urgente uma Biblioteconomia minimamente coesa. Mas como atingir coesão se a relação entre profissional e entidade de classe, especialmente os Conselhos, é distante? Como atingir coesão se os profissionais ainda parecem desconhecer as atribuições de cada uma das entidades que representam, em alguma instância, a área?

Alcançar esse nível de coesão depende necessariamente do entendimento de que ações individuais são importantes, mas, somente a mobilização coletiva - idealmente ocorrida tendo por base os órgãos de classe que congregam esses profissionais - pode construir uma categoria (classe) forte politicamente, uma vez que as variadas “[...] categorias profissionais, [...] necessitam de representações político-institucionais através dos órgãos de classe, visando aprimorar as formas de congregação e atuação” (CARVALHO SILVA, 2016).

Aqui já ingressamos no segundo e talvez mais sensível ponto, por nós destacado, da fala de Côrte (1991): a falta de um espírito coletivo na Biblioteconomia. Tratar de tal temática, ainda que de maneira *en passant*, é um tanto quanto delicado, pois esbarramos com um cenário histórico pouco animador.

Se por um lado existe um número relativamente pequeno, porém significativo dada sua variedade, de instituições de classe que visam representar os bibliotecários (conselhos, associações, centros acadêmicos e sindicatos), por outro a ideia de classe, espírito político e a compreensão dos jogos de poder que inerentemente envolvem todos aqueles que trabalham com informação ainda carecem de maior desenvolvimento no ideário daqueles que constroem a área.

Durante a maior parte de sua trajetória a Biblioteconomia brasileira tomou para si o discurso de imparcialidade e total neutralidade frente ao contexto social e em relação aos conteúdos informacionais por ela disseminadas. Tal postura é notadamente incoerente, uma vez que, a partir do momento em que se escolhe um termo indexador em detrimento de outro já se está realizando um juízo de valor, já se está tomando uma posição. É, no mínimo, ingênuo, acreditar que ao optar por distanciar-se no contexto – muitas vezes desigual – no qual está inserida a Biblioteconomia não estaria cometendo mal algum. A realidade nos provou exatamente o contrário.

Optar por abster-se de integrar-se com o contexto social foi nocivo em diversos aspectos. A Biblioteconomia perdeu visibilidade social, perdeu a possibilidade de integrar-se nas principais lutas políticas e sociais das últimas décadas, perdeu a possibilidade de perceber de modo mais rápido o quanto o cenário informacional se tornava cada vez mais frenético e dinâmico e perdeu, sobretudo, a possibilidade de construir para si uma identidade profissional mais robusta. Identidade essa que, construída dentro de um cenário social rico, teria total possibilidade de erguer-se sobre bases sólidas.

Carvalho Silva e Silva (2010, p. 214) afirmam que “o movimento associativo e sindical bibliotecário não despertou de fato uma luta política em favor dos interesses da sociedade”. Adotar uma postura de neutralidade frente ao contexto social fez com que a Biblioteconomia, durante muito tempo, fosse invisível para a maior parte da sociedade.

Esse distanciamento consciente do mundo exterior, também teve reflexos no interior da área. Observamos que, mesmo existindo formalmente, a maior parte das entidades de classe da Biblioteconomia está esvaziada, chegando ao ponto de alguns profissionais declararem está vinculados a elas porque necessitam de tal vínculo para exercerem suas atividades profissionais legalmente. Targino (2016) trata das frequentes ondas de contestação que tem acometido tais órgãos, especialmente o Sistema CFB/CRB.

Como dito anteriormente, dada a proximidade com a atuação profissional e a longevidade da necessidade de relação entre profissionais de biblioteconomia e suas associações e conselhos de classe, essas entidades acabam sendo alvo de maior escrutínio, críticas e descontentamentos por parte de seus integrantes. Pelo seu caráter obrigatório, os conselhos enfrentam questionamentos ainda mais frequentes. Essas cobranças costumam ser no sentido de exigir maior transparência na prestação de contas, pouco diálogo e retorno - mas “retorno” em que sentido? - dos conselhos para com a categoria.

Essas críticas apontam para a necessidade das entidades de classe elaborarem estratégias que fomentem os seguintes pontos: Maior transparência de suas ações; Maior diálogo e horizontalidade na tomada de decisões; Ampliação da atuação conjunta entre as diversas entidades da área; Apoio às ações desenvolvidas pelos profissionais e investimento na formação política da área.

Obviamente que para que os pontos elencados sejam efetivados é preciso um esforço não só das entidades de classe, mas também de cada um dos profissionais que formam a Biblioteconomia. Mas sendo essas entidades espaços de estruturação da categoria seria demasiado significativo - e talvez até necessário a fim de legitimá-las frente a categoria - que elas assumissem o desafio de liderar o desenvolvimento desses e de outros pontos necessários ao fortalecimento profissional e político da Biblioteconomia.

Esse processo se faz urgente, pois a inexistência de um “espírito de corpo” na categoria faz com que ela padeça não só de dificuldades pragmáticas (ausência de piso salarial, condições de trabalho nem sempre adequadas, invisibilidade social), mas também de uma ausência de consciência de si e de consciência social – que mesmo sendo fortemente enfrentada por um grupo cada vez maior de bibliotecários, especialmente nas últimas décadas, ainda deixa perceber a existência de ranços nas práticas da área – que acaba por tornar mais difícil a reestruturação da Biblioteconomia a fim de acompanhar as crescentes mudanças deste século.

Concluimos trazendo, novamente, o pensamento de Côrte que mesmo estando mais de duas décadas afastado de nós ainda mostra-se atual e coerente. A autora afirma em seu trabalho que “desenvolver uma consciência profissional requer do bibliotecário conhecimento das estruturas formais e informais que o cercam, do seu papel na sociedade e principalmente a vontade de promover a profissão” (CÔRTE, 1991, p. 135), ou seja, mais do que estar no mundo o bibliotecário precisa conhecer suas estruturas a fim de bem interagir com elas e, quando preciso, modificá-las.

4 Considerações Finais

Bezerra (2016, p. 56) afirma que “o campo de atuação dos Bibliotecários está diretamente relacionado com a ideia que cada profissional tem acerca da sua profissão”. Nesse sentido e diante do exposto anteriormente, percebe-se que bibliotecários ainda enxergam a si de modo individualista deixando assim de apoiar seu desenvolvimento e, principalmente, o da área em bases sólidas.

Essa situação acaba por ser nociva, uma vez que, como afirma Marinho (1997, p. 41) “o diálogo, entendido aqui como qualidade formal e política, é o pressuposto inicial para que se estabeleça este processo de retomada de uma visão de si mesmo e do valor do seu trabalho”. Somente a atuação conjunta, pautada no diálogo e na pluralidade, pode originar uma Biblioteconomia forte e capaz de reinventar-se quantas vezes forem necessárias.

Por tudo que foi exposto, acreditamos que se faz urgente que os bibliotecários repensem seriamente seu posicionamento frente ao mundo e a si mesmo. Muito já foi feito e conquistado nas duas últimas décadas, mas ainda há muito a ser questionado e reestruturado a fim de que a Biblioteconomia brasileira consiga desvencilhar-se por completo de práticas e posturas que contribuem para uma identidade vacilante e o desprestígio social que a área ainda padece.

Referências

BEZERRA, Fabíola. Bibliotecários: é necessário queimar pontes. *In*: PRADO, Jorge (Org.). **Ideias Emergentes em Biblioteconomia**. São Paulo: FEBAB, 2016. p. 55-59.

CARVALHO SILVA, Jonathas Luiz. A tríade identidade, ética e informação na Biblioteconomia brasileira: análise sobre o código de ética do bibliotecário. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Campinas, SP, v.7, n. 2, p. 76-101, jan./jun. 2010. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1958/2079>> Acesso em: 17 jun 2017.

_____. Órgãos de classe: constituições no campo da CI, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. **Biblioo: cultura informacional**. 23 dez 2016. Disponível em: <<http://biblioo.cartacapital.com.br/orgaos-de-classe/>> Acesso em: 17 jun 2017.

_____; SILVA, Roosevelt Lins. Biblioteca, luta de classes e o posicionamento da Biblioteconomia brasileira: algumas considerações. **Em Questão**. Porto Alegre, RS, v. 16, n. 2, p. 203-217, jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/16023>> Acesso em: 17 jun 2017.

CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA. **Resolução CFB nº 42 de 11 de janeiro de 2002**. Dispõe sobre Código de Ética do Conselho Federal de Biblioteconomia. Disponível em: <http://www.cfb.org.br/wp-content/uploads/2017/01/Resolucao_042-02.pdf> Acesso em: 17 jun 2017.

CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA. **Sistema CFB/CRB**. [2016]. Disponível em: <<http://www.cfb.org.br/institucional/historico/historico-introducao/>> Acesso em 17 jun 2017.

CÔRTE, Adelaide Ramos. **Biblioteconomia: legislação: organismos de classe**. Brasília: Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal; Sociedade Brasileira de Agentes de Informação, 1991.

CUARTAS, Enriqueta Graciela D.; PESSOA, Maria Lúcia de Moura da Veiga; COSTA, Cosme Guimarães da. Código de ética profissional do bibliotecário: 15 anos depois. **Biblos: Revista do Departamento de Biblioteconomia e História**, Rio Grande do Sul, v. 15, p. 195-209, 2003. Disponível em: <<http://repositorio.cfb.org.br/handle/123456789/370>> Acesso em 17 jun 2017.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Córdélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS, CIENTISTAS DA INFORMAÇÃO E INSTITUIÇÕES. **Missão e Histórico**. [2017]. Disponível em: <<http://www.febab.org.br/missao/historico/>> Acesso em: 17 jun 2017.

FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à biblioteconomia**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2007.

MARINHO, Raimunda Ramos. Biblioteconomia e legitimação científica: elementos para discussão. **Revista de Biblioteconomia do Maranhão**. São Luís, v. 1, p. 35-42, 1997.

TARGINO, Rodolfo. Para que servem os CRBs/CFB? **Biblioo: cultura informacional**. 14 mar 2016. Disponível em: <<http://biblioo.cartacapital.com.br/crbscfb/>> Acesso em: 17 jun 2017.

Dados dos autores

Izabel Lima dos Santos

Graduada em Biblioteconomia, pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Atualmente, exerce o cargo de Bibliotecária na Biblioteca da Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade (FEAAC), da Universidade Federal do Ceará (UFC). Integra a Comissão de Educação de Usuários e a Comissão de Serviços do Sistema de Bibliotecas da UFC. Cursa Especialização em Gestão Pública, modalidade EaD, na Universidade do Sul de Santa Catarina (UFSC).

zbel.lima@gmail.com

Link para o lattes: <http://lattes.cnpq.br/1269298136158261>

UFCA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CARIRI

Centro de Ciências Sociais Aplicadas
Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia (PPGB)

Este periódico é uma publicação do Mestrado Profissional em Biblioteconomia da [Universidade Federal do Cariri](#) em formato digital e periodicidade semestral.